

### 3. Os cenários da paisagem

Mediante as interações homem-natureza que se deram neste espaço geográfico, temos a configuração de uma paisagem que não pode ser lida como um simples resultado, como um único processo ou princípio. Em vez disso, para a compreensão da paisagem nesse ponto de vista, é necessária a reconstrução da seqüência de eventos formativos que cumulativamente moldaram a configuração da mesma (Metzger 2001). Para o autor, a paisagem em si representa o fruto de uma história comum, interativa, entre sociedade e natureza, que se encontra sempre em transformação, seja com a presença do homem ou não.

A Mata Atlântica, devido à sua proximidade com litoral, foi um dos biomas mais antropizados desde o início da colonização do território nacional (Dean, 1996). A forte pressão antrópica que esses remanescentes sofreram e vêm sofrendo, tem levado à perda de extensas áreas verdes, da cultura e das tradições das comunidades que habitam estas áreas, as quais dependem muitas vezes de recursos do meio para sobreviver (Fonseca & Sá 1997). Outro fator que contribuiu para a erosão dessa cultura local foi o modelo excludente adotado no Brasil, para a criação das unidades de conservação, para o qual, essas populações, que habitavam dentro ou no entorno dessas áreas, constituíam uma ameaça à sua integridade (Sobrinho, 2007). As comunidades que abrigam descendentes de antigos lavradores residentes no bairro de Vargem Grande, na cidade do Rio de Janeiro, encontram-se dentro deste contexto.

Poucos ecossistemas no Brasil apresentam uma situação de diversidade semelhante à que ocorre na extensa formação costeira brasileira conhecida como Mata Atlântica, onde a paisagem apresenta-se multifragmentada e profusamente variada ao longo do litoral (Oliveira 2005). Este mosaico de florestas pluviais, planícies e montanhas costeiras, denominado em conjunto de Mata Atlântica, ocupa principalmente a vertente atlântica das serranias, incluindo nossa área de estudo: o maciço da Pedra Branca.

Em termos fisiográficos, o maciço da Pedra Branca faz parte do conjunto de maciços litorâneos que compõem o relevo da cidade do Rio de Janeiro. Apresenta-se com altitude moderada (1.025 m no Pico da Pedra Branca, ponto culminante do

município) e vertentes escarpadas, apesar de apresentar feições de relevo menos dissecadas, comparativamente ao maciço da Tijuca (Costa, 2002). É separado do maciço de Gericinó pela Baixada Bangu-Realengo, e do maciço da Tijuca pela Baixada de Jacarepaguá, que se estende por toda sua parte meridional até a orla marítima (ver figura 1). Sua área estende-se entre as latitudes de 23°04' e 23°52' Sul e entre as longitudes 43°23' e 43°32' Oeste. Ao Maciço da Pedra Branca foi conferida a regulamentação ambiental sob formato de Parque Estadual, o Parque Estadual da Pedra Branca - PEPB. Esta unidade de conservação foi criada através da lei estadual nº 2377, de 28 de junho de 1974, tem a área de 12.398 ha (o que representa 16% do território do município do Rio de Janeiro). Na face Leste, tem seus limites no bairro da Taquara, Colônia, Camorim, Vargem Grande e Vargem Pequena. Ao Sul, limita-se com as localidades do Grumari e Guaratiba. Na face Oeste, com o bairro de Campo Grande. Na face Norte, limita-se com os bairros de Senador Camará, Bangu, Realengo e Sulacap. Seu limite oficial é a cota de 100 m, englobando, assim, cerca de 70% do maciço da Pedra Branca (Costa, 2002).

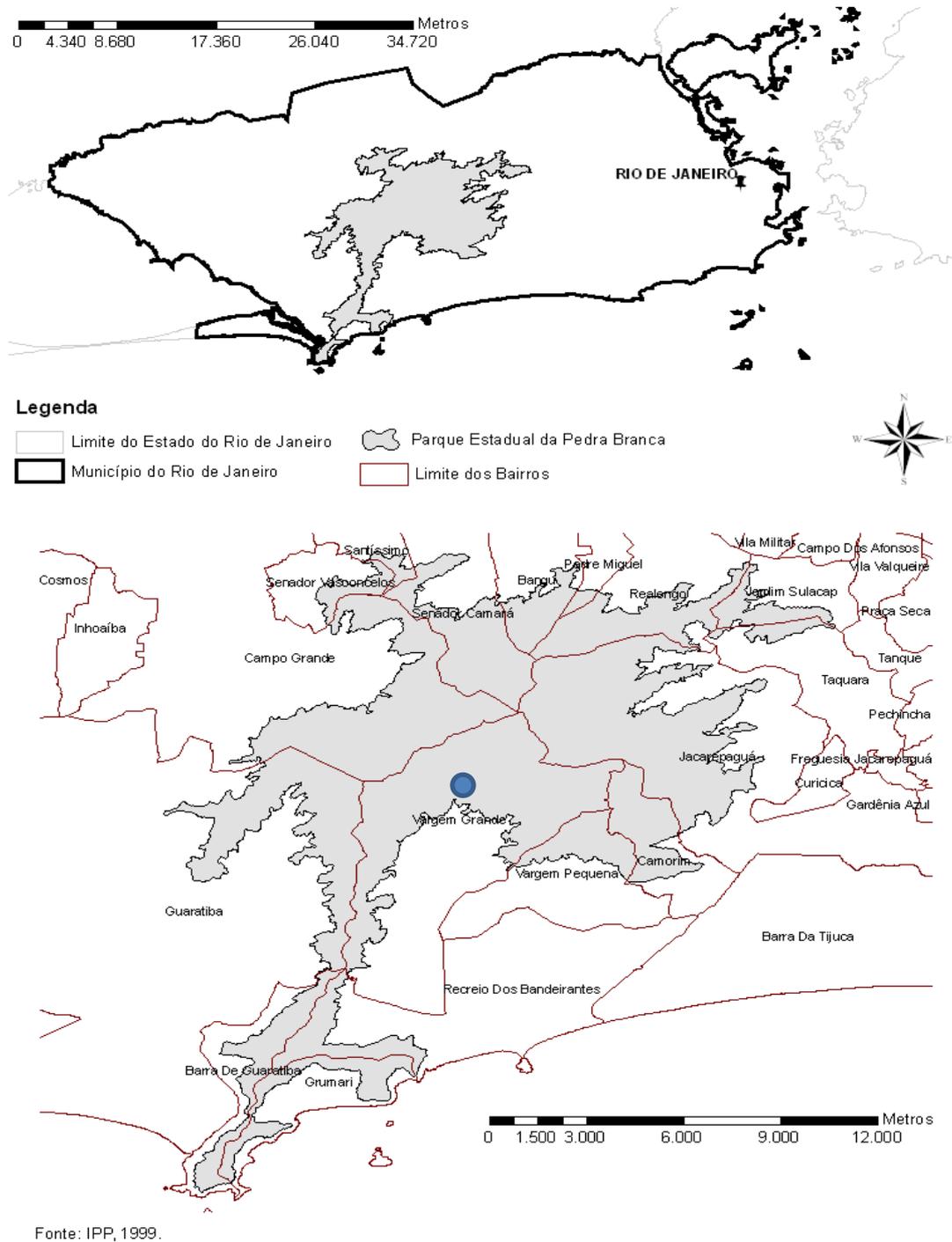


Figura 1: Localização do Parque Estadual da Pedra Branca; no detalhe os bairros que o compõe - ao centro Vargem Grande. Fonte: IPP, 1999.

A ocupação desta área iniciou-se como em boa parte do litoral sudeste: há mais de três mil anos, com bandos de coletores-caçadores que formaram vários sambaquis (montes de conchas e restos orgânicos) na baixada de Jacarepaguá. A economia destes grupos era bastante diversificada, com predomínio da pesca e coleta de moluscos. Apesar da dependência dos recursos litorâneos, existem evidências de que estas populações subsidiavam seu abastecimento com a caça na encosta do maciço da Pedra Branca (Oliveira 2005).

O maciço da Pedra Branca vive atualmente um acelerado processo de desenvolvimento das atividades urbanas em seu entorno e de expansão da degradação do ecossistema florestal. O crescimento da malha urbana, o desmatamento e a expansão das atividades agrícolas em suas encostas imprimem hoje, na paisagem, grandes modificações no arranjo espacial de seus elementos; e definem, assim, sua nova paisagem. Por ser área de expansão urbana, ou seja, onde o crescimento dos núcleos de ocupação está ainda se processando, o maciço da Pedra Branca guarda, no seu espaço, traços de um conflito rural-urbano (Oliveira 2008).

### **3.1. Condicionantes históricos**

Originária de uma sesmaria do século XVI, doada a uma ordem religiosa no século XVII, o Mosteiro de São Bento, incorporada aos domínios de um banco sob o formato de um extenso latifúndio, Vargem Grande teve em seus solos férteis aliados à condição de relativa proximidade de mercados consumidores, condições propícias para o desenvolvimento de cultura de gêneros agrícolas (Galvão 1957). Esta autora nos relata:

A cerca de sessenta quilômetros a sudoeste do centro do Rio de Janeiro, ao longo da estrada dos Bandeirantes, situa-se, no distrito de Jacarepaguá, uma região agrícola de grande importância econômica, que contribui, com uma parcela não desprezível, para abastecer a cidade, de bananas, verduras e legumes. Quem por aí passa tem a atenção logo atraída para os morros que se recobrem de extensos bananais e para o grande número de caixotes empilhados ao pé de alguns portões ou noutros pontos à beira da estrada.

Esta condição poderia ter se perdurado até os dias de hoje, com a devida expressividade, se condições naturais e força de trabalho bastassem para tal

empreendimento. Estamos falando de uma área que viveu um intenso processo de valorização do solo em função da expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro, instauração de algumas modalidades de Unidades de Conservação, como as Florestas Protetoras da União, de proteção ambiental e um intenso processo de loteamento e venda de pequenas propriedades.

Em relação à origem do nome do bairro, segundo Galvão (1957), os habitantes da serra davam o nome “vargem” a toda a área de baixada. Esse fato nos ajuda a entender a alusão feita pelos beneditinos, na escolha do nome da fazenda que foi estabelecida na região por volta do séc. XVIII, Fazenda da Vargem Grande, o primeiro núcleo de povoamento da região.

Em algumas áreas plantou-se o café e sua presença pode ser percebida atualmente em meio a seguimentos de florestas secundárias. Na várzea, a mata de brejo alimentava algumas indústrias dentre as quais, a de cestas e tamancos. A fabricação de balaios era relativamente importante, pois com eles se transportavam os produtos agrícolas, sobretudo a banana, para o mercado. Este ofício é desenvolvido até hoje, com a mesma finalidade. Além do cesto, fazia-se também o tipiti, destinado ao preparo da farinha de mandioca, produto de grande consumo na região. A indústria de tamancos utilizava madeiras, como o jenipapo (*Genipa americana* L.) a leiteira (*Tabernaemontana laeta* Mart.) e, sobretudo o pau-de-tamanco (*Tabebuia cassinoides* DC). Derrubadas as árvores pelos machadeiros, eram elas reduzidas a toras e transportadas pela água dos córregos que cortavam os brejos. Parte desta madeira era industrializada pelos tamanqueiros da região, mas a maior parte era encaminhada às fábricas da cidade (Galvão, 1957). Nas encostas, a exploração das capoeiras para lenha e carvão teve grande importância para o abastecimento dos fogões domésticos do Rio de Janeiro até 1940. O carvão era fabricado *in situ*, por meio de carvoarias – os chamados balões de carvão – estabelecidos em pequenos platôs abertos à enxada ou ampliando-se degraus de origem litoestrutural nas encostas, as chamadas “cavas” (Corrêa, 1933). Em referência à extração e o comércio de lenha o autor nos relata:

As matas cariocas para o corte são próprias ou arrendadas, por contrato ou meiação. A derribada é, geralmente, feita em matas de pequeno talhe, capoeirões e capoeiras, mas muitas vezes lá se vão as madeiras de lei e já bastantes idosas.

Os machadeiros cariocas não só atacam as matas dos morros e serras, como trabalham nos mangues e alagados. Calculava-se em 1890, que 20% dos talhes de lenha em feixe, eram retirados dos mangues, em virtude da sua resistência à combustão, impregnados, que são, de sais.

No corte da madeira de combustão há três processos: lenha métrica, isto é, um metro cúbico de volume de lenha, que tem três dimensões, um metro de altura, um de largura, tendo a lenha um metro de comprimento, em forma roliça (estéreo). Essa lenha é colocada à beira da estrada, é conduzida por auto-caminhões; o feixe de lenha composto de pedaços de lenha de um metro mais ou menos de comprimento, em achas irregulares (lascadas ou rachadas ao meio) sendo a talha dezesseis feixes de lenha. A condução dessa lenha é feita, comumente, em cangalhas de burro e vendida a varejo. A lenha em tocos (pedaços de madeira de 30 centímetros mais ou menos); a venda desse combustível é feita milheiros e mesmo por centos e são transportados em cangalhas, em sacos, pelos burros de tropas. Assim é o comércio de lenha (...).

Essa fase da indústria extrativista sucedeu a um longo período de atividade agrícola levada a efeito na fazenda da Vargem Grande, instalada pelos beneditinos em terras da antiga sesmaria dos Correia de Sá, legadas ao Mosteiro de São Bento por D. Vitória de Sá, em 1667.

Aos monges se deve a ocupação efetiva dessa área com a criação de um engenho de açúcar, com a exploração agrícola de parte das glebas para o abastecimento do próprio convento, e com o arrendamento de numerosos sítios a pequenos lavradores. Em 1891 a fazenda foi vendida a uma companhia particular que aí pretendeu instalar outros engenhos para suprir de açúcar o mercado do Rio de Janeiro. Falindo pouco depois, vítima do crack do encilhamento, tal companhia viu-se obrigada a entregar ao Banco que financiara o empreendimento não sede da fazenda, como todas as terras a ela vinculadas.

A partir da década de 1920 as terras foram vendidas a lavradores e configuraram-se os primeiros sítios da região, dispostos ao longo da serra ou na região da vargem. Na região da serra predominaram as pequenas propriedades, e na região da vargem, mais valorizada em função das condições topográficas, ficaram alocadas as grandes propriedades freqüentemente administradas por encarregados. Essas propriedades eram comumente subdivididas em áreas menores e arrendadas a pequenos agricultores, em alguns casos vendidos sob o formato de lotes residenciais.

Em relação à ocupação da região serrana, Galvão (1957) nos relata: “Vista da planície, a serra impressiona pela extensão dos bananais que lhe recobrem os flancos até alturas superiores a 400 m; nenhuma clareira, nenhum indício de

habitação ou moradores”. No entanto, essa afirmação é questionada pela autora nos conduzindo a uma observação que revela uma intensa atividade agrícola. Estamos falando de uma atividade econômica realizada por populações que configuraram a segunda geração nascida em terras comercializadas pelo Banco Crédito Móvel em Liquidação (Corrêa, 1933) e baseava-se não somente em culturas temporárias, mas em lavouras permanentes: “nas encostas ensolaradas, as soalheiras, domina a laranja; nas vertentes sombrias e úmidas, denominadas Noruega<sup>3</sup>, viceja a banana” (Abreu, 1957; Galvão, 1957). Relatos de espécies frutíferas cultivadas em quintais neste período - mangueira, jaqueira e abacateiro - comprovam a ocupação efetiva e prolongada da terra, além de fornecer suplemento para a alimentação familiar, o excedente é destinado à comercialização. Eventualmente estas espécies podem ser hoje encontradas em antigos quintais abandonados e tomados pela floresta.

A configuração espacial das propriedades nessa região se dava em meio aos bananais, tanto mais distantes uma das outras, quanto mais íngreme fosse a declividade. A área desses sítios variava entre dois a quinze hectares e somente poucos sítios possuíam áreas contínuas maiores, até 80 hectares, ou eram donos de mais de uma gleba.

Espalhada em numerosos pontos do maciço, existia a *lavoura branca* ou também chamada de *roça de lavoura miúda*, feita no sistema derrubada-pousio. (Galvão, 1957). Como culturas voltadas à subsistência, temos o relato de cultivo de feijão intercalado ao milho, o café plantado à sombra da bananeira e a cana. A mandioca também teve expressividade: “até aproximadamente a década de 30, ela era cultivada para o fabrico doméstico da farinha. Quase toda a casa dispunha de sua roda, ralo, prensa ou tipiti, tacho e forno” (Galvão, 1957). Já o aipim, batata-doce, abóbora, banana, milho, laranja, chuchu, jiló, maxixe e abóbora, são exemplos de culturas comerciais praticadas na região serrana. A maior parte destes produtos era vendida no mercado de Madureira, o restante, seguia para as feiras. Cabe ressaltar, que boa parte dos lavradores da serra, neste período, eram feirantes e o papel desempenhado pela a instalação de armazéns na região da Vargem.

Podemos perceber uma relação de troca comercial estabelecida entre os dois ambientes - a serra e a vargem – e, ao armazém foi atribuído o status de local de troca ou ponto de encontro entre os integrantes das duas regiões. Da serra descem

---

<sup>3</sup> Noruega x soalheira designam orientações de encostas, respectivamente sul e norte.

os produtos (já citados) a serem embarcados nos caminhões que freqüentemente fazem ponto junto a esse estabelecimento rural. Da vargem sobem o açúcar, a farinha, o arroz, o macarrão, a carne seca, a cebola, a batata inglesa, o pão (Galvão, 1957). A autora atribui à instalação e à proliferação dos armazéns, fator determinante para o abandono de determinados hábitos tradicionais como do beneficiamento do fubá, da farinha, do açúcar e o estímulo à produção de gêneros comerciais em detrimento aos de subsistência.

Na figura 2 são demarcadas as regiões de roças e hortas, na década de 50, nos bairros da Zona Oeste como Campo Grande, Santa Cruz, Guaratiba, Vargem Grande, Vargem Pequena e Jacarepaguá e os seus respectivos fluxos de comercialização (Abreu 1957).

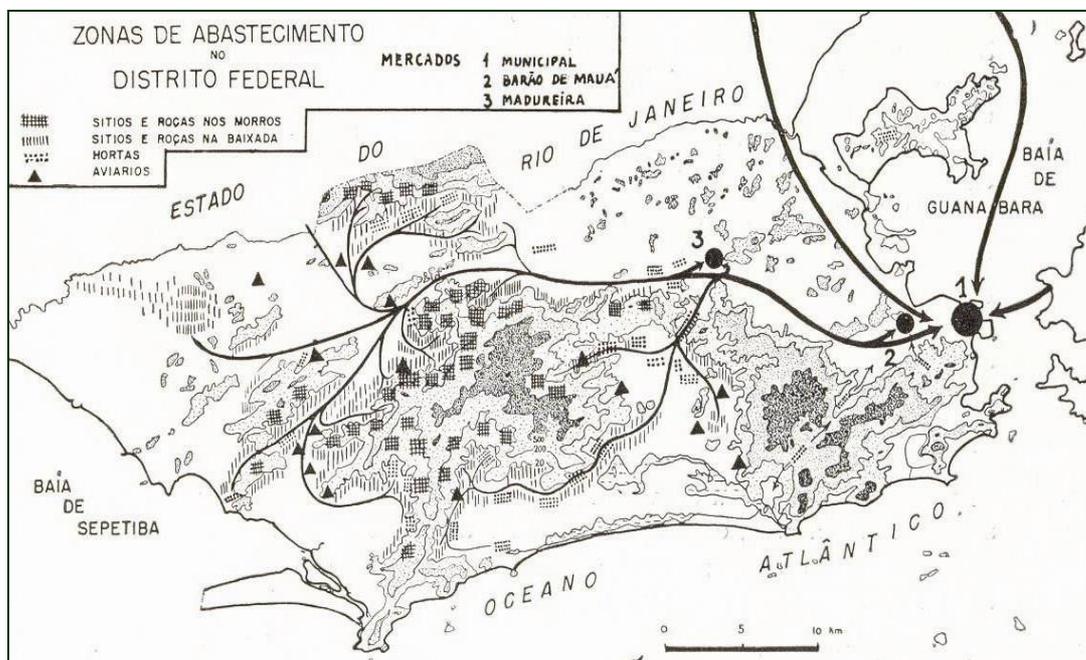


Figura 2: Principais zonas de abastecimento de hortifrutigranjeiros da cidade do Rio de Janeiro. (Fonte: Abreu, 1957).

### 3.2. As memórias do grupo estudado

Em ocasião das entrevistas com os integrantes dos grupos familiares estudados, outras tantas conversas informais aconteceram com as lideranças, comerciantes e demais moradores que completaram as informações obtidas através das entrevistas como também possibilitaram trocas de experiências e

discussões mais intensas com parte da comunidade. Esses momentos proporcionaram ricas discussões não somente sobre as informações necessárias para o levantamento etnobotânico, como procuraremos apresentar neste item, mas também proporcionou espaço para a reflexão da própria condição em que o grupo se encontra, sobre a participação destes como “atores” que estão construindo sua própria história e têm o direito e também o dever de opinar e entender-se como parte e não à parte.

Destacaremos algumas memórias citadas pelos entrevistados, em especial pelos mais velhos e residentes antigos do Bairro de Vargem Grande.

Quando em entrevista de campo ao Sr. Jerônimo Alves Neto, **Sr. Manoel Bonitinho**, residente do bairro de Vargem Grande há cerca de 57 anos, nos chamou a atenção a determinadas menções em concordância aos fatos descritos na bibliografia recorrida e citada no item 3.1 Condicionantes históricos. Dentre eles destacamos o trato da terra pelos portugueses, os gêneros agrícolas e o transporte e o destino da produção.

“As mercadorias eram puxadas em tropa de burro até o Rio da Prata, e em seguida um caminhão era utilizado para levar os produtos até o Mercado de Madureira.” (Sr. Manoel, out. 2008)

Algumas referências feitas aos portugueses pelos entrevistados, especificamente S. Manoel, atribuem a estes o título de grandes proprietários de terras da região de Vargem Grande, pontualmente em áreas de baixada, e responsáveis pelos cultivos de gêneros agrícolas. Entre eles foram citados os seguintes gêneros: laranja, banana, nabo, rabanete, couve, salsa, alface, brócolis, abóbora, pepino, aipim, batata, etc. Algumas medicinais também foram lembradas: hortelã, boldo, alecrim, manjeriço, arruda. Para o entrevistado o aumento do contingente de portugueses na região devia-se ao fato destes ao atingirem o êxito em suas plantações, estimularem a vinda e o estabelecimento de seus conterrâneos na região. A este respeito cita: “Eles vieram para cá por causa da solidariedade: um chamava o outro. Eles trabalhavam juntos e trabalhavam muito”. (Sr. Manoel, out. 2008).

A “produção” não limitava-se exclusivamente a gêneros agrícolas, **Sr. Amaro** residente na região há cerca de 49 anos, filho de machadeiro natural da

região de guaratiba, trabalhou na produção de carvão e citou construções de balões com aproximadamente 6 m de altura, com produção em torno de 1.000 sacas.

Outra grande contribuição que nos foi essencial para a compreensão da organização social do grupo estudado, foi dada por Irene de Andrade Mesquita, **D. Lila**, 78 anos, nascida no bairro de Vargem Grande. Esta moradora foi a primeira pessoa a ser indicada pelos agricultores, membros da associação AGROVARGEM (Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande) como grande conhecedora de plantas medicinais. Ela nos trouxe diversas lembranças, dentre elas a de seus pais lavradores e feirantes fazendo farinha, café, moendo cana... Fazendo roupa para ela e para seus irmãos, com saco de aninhagem, roupa que era utilizada como uniforme escolar. Neste ponto, a dificuldade para frequentar a escola é mencionada e da mesma forma a importância que esta representa para a entrevistada e demais membros do grupo. Destacamos a riqueza de conhecimentos desta participante, em especial em suas receitas para remédios e simpatias, transcrevendo algumas a seguir:

Para labirintite é bom usar sete folhas de mangueira dentro do travesseiro, que devem ser trocadas a cada oito dias por folhas novas.

Uma boa simpatia para criança andar é a da batata-doce. Usa a rama da batata para medir a perna da criança e depois enterra.

Um bom chá calmante que eu uso é o feito a canela, louro, erva cidreira, laranja da terra e cravo. Ótimo para tomar antes de dormir.

Nédia dos Santos Mesquita, **D. Nédia**, 76 anos nascida no bairro, nos concedeu uma entrevista no dia 05 de fevereiro de 2009 e veio a falecer antes do término desta pesquisa. Bisneta de escravos, filha de pai agricultor e carvoeiro onde encontrava na venda da banana e do carvão respectivamente sua principal fonte de renda. Nossa visita a esta senhora deu-se através de indicação de D. Lila referindo-se a esta como uma grande amiga de convivência comum desde a infância. A comunidade onde ocorreu esta entrevista configura-se um núcleo familiar cujo nome é uma homenagem a mãe de D. Nédia, D. Astrogilda. (Figura 3). Esta comunidade usando os termos de referência dos moradores “fica lá em cima, depois da cachoeira”, lugar de acesso relativamente difícil para carros, especialmente em dias de chuva. Quando interpelamos D. Nédia sobre seu cotidiano e dos demais residentes da comunidade, nos foi mencionado o papel

exercido pelo regime pluviométrico e em decorrência deste, pelo rio que perpassa a comunidade, ditando por vezes o ritmo da acessibilidade do grupo com o restante o bairro: “se tiver chovendo muito, não tem como passar de verdade, o rio enche e não tem jeito mesmo”. (Figura 4). Em tempos pretéritos este grupo encontrava-se em condição de isolamento mais intenso, situação esta mencionada, pela entrevistada, como fator determinante para a freqüente recorrência dos moradores da comunidade aos usos de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades.



Figura 3: Trilha para Comunidade Astrogilda. (Arquivo pessoal 2009)



Figura 4: Cachoeira próxima Comunidade Astrogilda. (Arquivo pessoal 2009)

A partir dos relatos destas memórias, o contexto das significativas mudanças que os agricultores de Vargem Grande lidaram e lidam diariamente, minimamente se apresenta. Em função destas mudanças, suas dificuldades e desafios de sobrevivência, de resistência cultural enquanto agricultores. Neste cenário, faz-se mister a apresentação dos novos arranjos sociais e das atividades econômicas na área de estudo.

Em se tratando das atuais atividades agrícolas que são desenvolvidas na referida área de estudo, o cultivo da banana configura-se como o principal. Durante

o período em que foram realizadas as entrevistas de campo, interpelamos alguns agricultores acerca da redução do número de gêneros agrícolas cultivados ao longo dos anos e a redução da produtividade de uma forma geral. Dessa forma, podemos destacar alguns fatores determinantes.

Os fatores referentes ao desinteresse das gerações mais novas pelo trato da terra em detrimento de atividades dispostas na rede de serviços de nossa cidade, a concorrência das grandes redes de mercados e centros distribuidores e a baixa lucratividade alcançada com a venda dos produtos em feiras, em especial, a banana configuram o pano de fundo do processo produtivo local. Esses fatores, apresentando-se como condicionantes, aos olhos dos entrevistados, para que a pluriatividade<sup>4</sup> esteja presente em diversas famílias de agricultores, outrora mantidas exclusivamente tanto pelos gêneros cultivados quanto pela renda adquirida com a venda destes em feiras. O conceito de pluriatividade ao qual recorreremos, refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra (Schneider, 2003) e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção. A este respeito, dois moradores assim se expressam:

Os feirantes e comerciantes locais de frutas, legumes e ervas abastecem-se prioritariamente na CEASA<sup>5</sup>, deixaram de comprar conosco; os preços das sementes e dos adubos estão altos demais, e a desvalorização dos preços dos produtos nas feiras, não compensa. (Seu Manoel, out. 2008)

“O trabalho é bem puxado, tem pouca gente com vontade de trabalhar no roçado e os que querem, cobram muito caro, não compensa” (Pedro Santos, mar. 2009)

A criação do Parque Estadual da Pedra Branca em 1974 configurou-se como outro agente atuante na configuração deste cenário produtivo, impondo progressivamente novas formas de uso e delimitação do espaço, que entraram em choque com as práticas estabelecidas por moradores. Na fala dos agricultores este fato representa um grande divisor de águas. Em maior referência, destacamos a impossibilidade de abertura de clareiras para estabelecimento de novas roças/sítio.

---

<sup>4</sup> Estamos em uma área de expansão urbana onde os traços de um conflito rural-urbano é a nossa premissa para utilização do conceito de pluriatividade no sentido definido por Schneider (2003)

<sup>5</sup> CEASA: Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro S/A.

As existentes são mantidas e em sua maioria distam das residências dos moradores. A prática do fogo foi também abolida. Em diversos casos, são abandonadas em decorrência da influência dos aspectos explicitados acima, Fernandez (2009) em estudos na mesma região, com grupos de agricultores corrobora este fato e acrescenta:

Alguns dos agricultores que ali haviam se estabelecido com suas culturas, permaneceram e progressivamente tiveram que adaptar suas atividades produtivas às restrições crescentes impostas pelos órgãos ambientais responsáveis pela administração do PEPB. Podem ser citadas: a proibição de roçar os terrenos, de fazer queimada, de expandir as áreas cultivadas, de fazer melhoria nos caminhos ou utilizar meios de transporte mais modernos. (p.28).

Em referência ao fato, Oliveira (2005) atribui o contexto de criação do Parque como o motivador para a configuração do cultivo da banana como semiclandestino.

A exploração econômica da encosta do maciço da Pedra Branca migrou das roças de subsistência para os bananais. Estes mantiveram-se em vastas áreas, tendo os agricultores remanescentes se adaptado à nova ordem ambiental: as queimadas foram eliminadas e o cultivo da banana assumiu um caráter semiclandestino, baseando a sua exploração mais no extrativismo do que no manejo da cultura. Por não utilizar o fogo, esta forma de exploração se adaptou melhor às restrições sobre o uso da terra impostas pelo Parque Estadual da Pedra Branca. (p.26)

Tais restrições limitam as possibilidades de expansão da produção ou de introdução de novos cultivos. No contexto destes agricultores, existem famílias que retiram da agricultura parcela significativa de sua subsistência. Perante as dificuldades impostas para a manutenção da lucratividade e conseqüente viabilidade da produção, alguns agricultores buscam formas efetivas de inserção no mercado e visam à aquisição de conhecimentos técnicos e atividades de associativismo.